

LEITURA NA ERA DA CIBER CULTURA: DO LEITOR AO NAVEGADOR

Bruno Eduardo Cavalcanti de Siqueira¹
Ivanda Maria Martins Silva¹

1. INTRODUÇÃO

Pretende-se investigar os impactos da revolução tecnológica sobre as práticas de leitura, especialmente no que se refere à leitura literária.

Vivemos na era da interatividade, tudo acontece em maior velocidade e a prática da leitura se insere nesse novo contexto, tornando-se um tema relevante, sobretudo com a consolidação da Internet, que disponibiliza grande quantidade de informação, com muita rapidez e praticidade.

Os indivíduos estariam lendo mais, entretanto, esse aumento no número de leitores pode não se correlacionar com o aumento na qualidade da leitura.

A leitura literária vem perdendo espaço, tendo que se adaptar aos novos recursos eletrônicos e o livro impresso, que tradicionalmente conhecemos, cede lugar ao livro digital ou aos textos eletrônicos, modificando as estratégias de leitura.

Investigamos como a leitura literária está se adaptando ao contexto atual de era digital, marcado pelo advento de novas tecnologias.

Nossa preocupação é que os leitores não se tornem ledores. Ledores reproduzem textos, leitores, criticam, contestam, produzem seus próprios textos a partir dos textos que lêem.

Pesquisamos o perfil dos alunos do curso de Relações Internacionais de uma Faculdade particular de Recife, considerando a mudança de paradigmas no ato de ler com o advento das novas tecnologias.

Selecionamos os alunos de Relações Internacionais, pois esta é uma área acadêmica que pressupõe prática de leitura intensa, pela necessidade de atualização constante.

As novas tecnologias estão exigindo leitores mais ativos, capazes de tomar atitudes frente aos desafios dos novos tempos. Leitores que ao lerem, interagem simultaneamente com seu contexto social. Indivíduos que fundamentam opiniões.

2. LEITURA COMO PRÁTICA SOCIAL: AS INFLUÊNCIAS DAS NOVAS TECNOLOGIAS

Gostaríamos de discorrer um pouco sobre o que é ler. Mesmo que intuitivamente, todos nós temos uma idéia do que seja ler. Isso é fruto de nosso convívio social e até do que interiorizamos durante nossa estada na escola.

Ezequiel Theodoro da Silva (1995) defende a importância de considerar o contexto brasileiro na definição de leitura, e, para o autor, ler é: “*possuir elementos de combate à alienação e ignorância*”. Ler: “*é ser capaz de detectar aqueles aspectos que, através das*

¹ FIR – Faculdade Integrada do Recife

manobras ideológicas servem para alienar, massificar e focar o povo a permanecer na ignorância”.

Como podemos observar, para Silva, ler é um instrumento para se combater a alienação e que, por isso, ler seria um direito de todos os cidadãos. A leitura revela-se, pois, como um ato marcadamente social, atrelado à prática da cidadania. Para que conheçamos nossos direitos e deveres, devemos realizar a leitura crítica do que lemos, tornando-nos sujeitos do processo histórico-social. O ato de ler surge como ato político e cultural que transforma os indivíduos em cidadãos conscientes de seu papel.

É importante destacarmos também que a leitura não deve ficar apenas num primeiro estágio no qual se decifra o código escrito, a leitura literal, mas avançar para a compreensão crítica do texto. O leitor estabelece conexões com outros textos, são as relações intertextuais, nas quais o leitor forma uma memória discursiva, até atingir o terceiro estágio da leitura que seria o de transformar, o leitor vai construir seu próprio texto e se posicionar diante dos acontecimentos. Nesse momento, o leitor assume uma postura ativa, é dotado de ação política e cultural.

Retomando o pensamento de Silva (1995), poderíamos classificar a leitura em três tipos: *Leitura informativa, de conhecimento e por prazer estético*. A primeira está relacionada à leitura que o indivíduo faz dos jornais diariamente, das revistas semanais etc. visando se informar, se manter atualizado sobre o que acontece na sua comunidade, no seu país, no mundo. A segunda refere-se à sua formação técnica, por exemplo, um estudante do curso de direito dirige sua atenção para temas como legislação. É uma leitura intimamente ligada à sua área de pesquisa, de formação. O terceiro tipo seria a leitura por prazer, neste caso, não haveria limites para a literatura, o próprio leitor vai à busca da poesia, da prosa, sem a cobrança de prazos ou fichamentos.

Em Luiz Percival (1998), também encontramos uma definição do que vem a ser ler: *“Ato de posicionamento político diante do mundo. A leitura tem de ser pensada não apenas como procedimento cognitivo, mas principalmente como ação cultural historicamente constituída”*. Mas uma vez observamos a leitura como ação cultural, como exercício de cidadania.

Para Paulo Freire (1995): *“Linguagem e realidade se prendem dinamicamente”*, o mundo é um grande texto, na visão do autor, e o leitor crítico vai se formar a partir da leitura que faz do mundo.

Observe que vários autores afirmam que o ato da leitura transforma o indivíduo em pessoas politizadas, capazes de transformar a sociedade, de se indignar, de tomar uma atitude.

Nossa preocupação com este trabalho foi o de observar se as novas tecnologias estariam interferindo nesse processo de leitura, se os livros e a leitura literária estão ameaçados diante do mundo digital, que possibilita acesso imediato à informação, um mundo onde tudo pode ser acessado pelo computador, pois, o meio eletrônico capta nossa atenção pelas imagens, privilegiando-se, assim, o signo icônico que vem requerer outras estratégias de leituras.

Alberto Manguel (1999) considera que: *“o ato de ler, outrora considerado útil e prestigioso, quando não perigoso e subversivo, agora recebe condescendência como passatempo, lento passatempo que não tem eficiência nem contribui para o bem comum”*. Manguel está dizendo que aceitamos o livro como um dado comum, mesmo antiquado. Mas se somos uma sociedade letrada, a nossa percepção deveria ser justamente o contrário.

Ler não pode ser supérfluo. A leitura nos proporciona um senso do passado, continuamos a história no presente. Há um sentido temporal.

Na Internet, pelo contrário, temos uma sensação de atemporalidade, esquece-se do passado. O mundo digital, eletrônico elimina o sentido de fronteiras, não há limites. Tudo é muito rápido. Captam-se informações no momento que as procuramos. Entretanto, não está acessível a todos. Muitos ainda não têm acesso a esse meio, apenas os privilegiados na escala social, mas mesmo assim, já surgiram comentários que a Internet vai substituir tudo, inclusive os livros.

O meio eletrônico pode vir para estimular a leitura, pelo acesso que fornecerá a um maior número de pessoas, ou para proscrever de uma vez por todas o ato de ler, através do culto a imagens e aos recursos da multimídia. O próprio Manguel não acredita que a Internet vá excluir o ato de ler de leitores assíduos. Ele diz que o mundo sempre esteve dividido entre leitores e não-leitores, mesmo antes do surgimento da Internet. Diz o autor que a nova tecnologia está criando uma forma de comunicação própria, totalmente separada da leitura, ou seja, é uma forma de comunicação útil para diálogos instantâneos, as informações são disponibilizadas no momento em que as procuramos.

Há hoje, especialmente entre os mais jovens, um desinteresse pela leitura, muitos não encontram prazer no hábito de ler. Isso acontece porque parte dos jovens vê a leitura como obrigação, e dessa forma não sentem prazer. Muitos têm acesso a livros, mas não lêem, mesmo possuindo um nível privilegiado de escolaridade. A leitura tem que estar disponível a todos, mas não deve ser imposta. O ato de ler deveria ser percebido com um ato de liberdade.

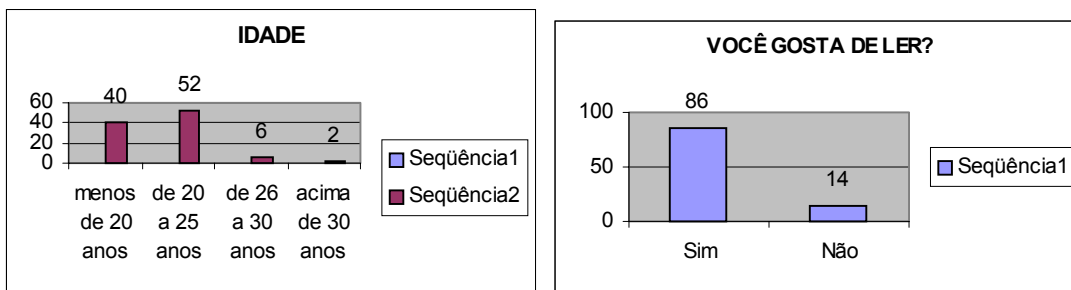
Não podemos culpar a Internet pelo desinteresse dos indivíduos no hábito da leitura. A Internet tem virtudes, é rápida e abrange grande quantidade de informação. É preciso que os “navegadores” sejam também leitores críticos, não se deixem contaminar pela superficialidade do meio eletrônico.

Esse questionamento sobre se uma nova invenção vai acabar com o livro convencional não é novo. Pensou-se que com o surgimento da imprensa, o livro impresso estaria extinto, o mesmo quando surgiu a pintura, a fotografia. Não poderia ser diferente com o advento da Internet.

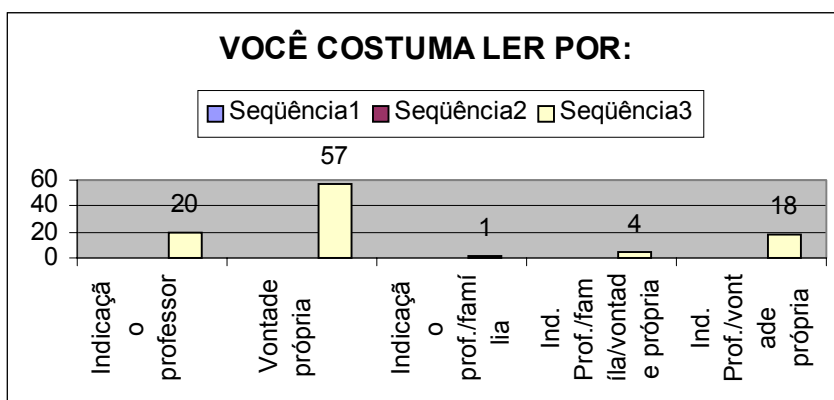
3. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS: PERFIL DOS ALUNOS -- LEITORES.

Este trabalho foi desenvolvido em duas etapas, uma de natureza mais teórica e outra mais pragmática. Na primeira fase, desenvolvemos uma leitura crítica do referencial teórico, com destaque para Pierre Lévy, Edgar Morin, Alberto Manguel entre outros. Numa segunda fase, aplicamos 100 questionários com acadêmicos do curso de Relações Internacionais sobre as práticas de leitura e selecionamos os dados coletados.

A análise dos dados foi de natureza quantitativa, quando privilegiou as respostas dos alunos em termos percentuais e qualitativa, na medida em que selecionamos algumas respostas sobre questões relativas ao ato de ler.



92% dos que responderam aos questionários têm até 25 anos. É basicamente uma amostra de pós-adolescentes em sua primeira graduação. Jovens que entram cada vez mais cedo na universidade e que ainda não têm maturidade ou que não despertaram para a responsabilidade que estão assumindo consigo e com a sociedade ao ingressarem numa academia.

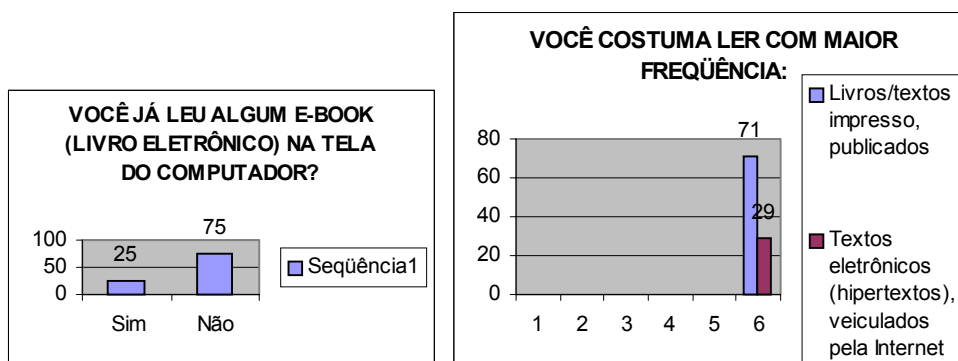


86% responderam que gostam de ler e mais da metade declararam que fazem isso por iniciativa própria, predominando como gênero preferido a leitura de notícias/jornais/revistas.

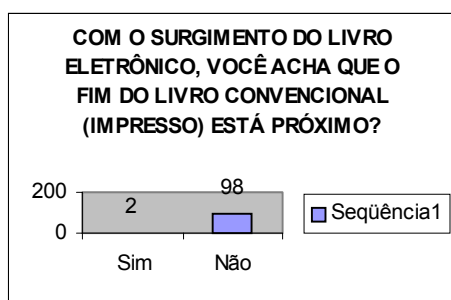
A maioria respondeu gostar de ler, e por isso, pressupomos que sejam leitores habituais.

Essa informação não é comprovada pelas respostas subjetivas. Muitos dos alunos não entenderam algumas das perguntas, não conseguiram desenvolver suas idéias, responderam com superficialidade a algumas questões ou não o fizeram. Alguns também não escreveram corretamente. São pessoas que gostam de ler, mas não o fazem?

A leitura possibilita uma melhor capacidade de articulação, de raciocínio, uma escrita melhor, uma opinião crítica. Politiza os indivíduos.



25% dos alunos dizem já ter lido um livro-eletrônico. No entanto, 71% costumam ler com maior frequência livros impressos, publicados e não costumam ler textos literários na tela do computador. A grande maioria não acredita que com o surgimento do livro eletrônico, o fim do livro convencional esteja próximo. 98% acreditam que é diferente ler um texto impresso e ler um texto eletrônico. Os que lêem através do computador preferem acessar notícias/jornais. Mais da metade usa o correio eletrônico (e-mail) como principal ferramenta na Internet.



Perguntamos para os estudantes como eles definem leitura. Muitos responderam: “Algo interessante para passar o tempo”. “Passatempo”. “Uma terapia, um lazer”. A leitura era colocada não como algo útil, que contribuiria para o bem coletivo, mas como uma forma de distração, um tanto superficial.

Outros responderam: Ler: “é aprender novas informações, ter conhecimento”. “Ler significa expandir seus conhecimentos e melhorar seu vocabulário”. “Ler é se informar. Lendo você fala melhor e escreve melhor”. “É uma forma de aprender novas palavras”. São respostas que relacionam a leitura com a escola. É uma visão escolarizada da leitura. A leitura como responsabilidade de quem estuda, apenas para adquirir conhecimento. Não podemos esquecer que essas são definições sobre o que é ler dada por acadêmicos. Pessoas que pressupomos serem leitores assíduos, leitores críticos, politizados. Entretanto, o desinteresse pela leitura está presente também entre os estudantes universitários: “Um saco, perda de tempo”.

A grande maioria não acredita que o livro eletrônico vá substituir o livro convencional. Citaram a comodidade do livro impresso, o fato de a informática não ser universal (muitos não têm acesso), a tradição, o envolvimento com o livro, o cansaço visual que a exposição ao micro provoca no leitor, etc., mas também encontramos alunos que não conseguiram desenvolver uma resposta: “Porque não”.

Citando as diferenças entre ler um texto na tela do computador e ler um texto impresso: “A facilidade de levá-lo [o livro impresso] para qualquer lugar e não ter que ficar horas olhando para uma tela”. “Impresso pode-se guardar para sempre o que é muito interessante, no computador pode ser que em algum momento não esteja mais acessível”. “O livro impresso tem mais credibilidade, pois as informações eletrônicas podem não ter uma segurança”. “O acesso é mais rápido através dos textos eletrônicos”. “A interioridade, a história de cada autor. A contextualidade e substancialidade inerente ao livro [impresso] e desprezados com a ‘virtualidade’ da sociedade da informação pós-moderna”. A preocupação com a durabilidade da informação, a vida útil de um CD-ROM é de 10 anos, enquanto que o papel resiste por séculos.

Perguntamos qual o futuro da leitura literária na era digital: “Terá a mesma importância dos dias atuais”. “Facilitará o acesso à leitura”. “Os estudantes vão perder o gosto pela leitura”. “A leitura será cada vez mais consolidada. A era digital talvez sirva como instrumento de divulgação do livro”. “A leitura de livros tende a diminuir, pois é crescente a quantidade de livros resumidos na Internet”. Observamos uma divisão de opiniões, as novas tecnologias virão para contribuir com a prática da leitura ou para limitá-la? Só o tempo dirá!

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O intercâmbio entre homem e máquina está aumentando. Em algumas profissões não se faz nada sem usar o computador. É um processo irreversível. Será assim também com os estudantes?

Nos tempos atuais, nem a leitura ligada à formação acadêmica está sendo desenvolvida com responsabilidade. Os resumos de livros na Internet facilitam a vida dos alunos que acabam optando por esse meio por uma questão de praticidade. É tudo muito mais fácil. A busca acontece em um único lugar onde “tudo pode ser acessado”. Isso é reflexo do novo mundo digital que tem repercussões na educação. É a mudança da escola.

O mais importante não é tentar conter o avanço da tecnologia ou impedir a leitura através do meio eletrônico. A tecnologia deve somar, agregar esforços para que tenhamos leitores de fato. Leitores que sejam capazes de construir seus próprios textos, de aproveitar o contato com a leitura para contestar o mundo, para serem sujeitos ativos no processo político, membros de uma sociedade que renova suas esperanças no futuro. Pessoas que transformam vidas. Leitores críticos estão fortalecidos contra a manipulação dos meios de comunicação, de políticos inescrupulosos, estão comprometidos com a sociedade.

A leitura não é instantaneidade, não está apenas voltada para o aqui e o agora, é um processo histórico, no qual reescrevemos o passado e transformamos o futuro. Por isso, vamos usar a tecnologia a favor da leitura.

5. REFERÊNCIAS

- BELO, André. **Historia, livro e leitura**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- CALADO, Marcos. A Tecnologia a serviço da educação: uma digressão sobre o ter e o ser. In: **Scientia Una**, FOCCA. n.1 (maio 2000) – Olinda. p.18-27.
- FREIRE, Paulo. **O ato de ler**. São Paulo: Cortez, 1995.
- LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: ed. 34, 1993.
- MANGUEL, Alberto. O destino da leitura na era da web. **Veja**. São Paulo, 28 dez 2000. n.52, p. 100-106.
- _____. Ler é poder. **Veja**. São Paulo, 1605.ed. 07 jul 1999. p.10-15
- MELO, José Marques de. Os meios de comunicação de massa e o hábito de leitura. In: BARZOTTO (Org.) **Estado de leitura**. Campinas: Mercado de Letras, 1999. p. 61-94.
- MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 2002.
- MOTA, Regina. Leitura e tecnologia: ainda a questão do meio e da mensagem. In: MARINHO, Marildes (Org.) **Ler e navegar: espaços e percursos da leitura**. Campinas: Mercado de Letras, 2001. p. 191-198.
- SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Criticidade e leitura: ensaios**. Campinas: Mercado de Letras, 1998. (Coleção leituras no Brasil).
- SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Leitura na escola e na biblioteca**. 5.ed. Papirus, 1995.

